

Peça de Teatro: A Irmã Celeste

Drama em 04 atos, extraído do romance de igual título, de Vieira de Castro, ilustre romancista português.

Autor: J. Eustáquio Azevedo

Editor: J. A. Teixeira Pinto

Pará – Belém, 1916.

Do autor:

O Eterno tema, drama em 3 atos , já representado pelo grupo dramático *Lima Penante*, no seu teatro, e pela trupe *Amor e União*, idem, em 1906.

O país de Loyola, revista de costumes paraenses, em I ato e 3 quadros, levada à cena no extinto teatro Apolo, pela companhia de operetas e revistas de *Dolores Lima e João Rocha*, em janeiro de 1904.

Todos Cavam, revista em I ato e 3 quadros, levada à cena pela *Companhia Alves da Silva*, no *Teatro Bar Paraense*, em outubro de 1913.

(Na época dedicada)

À
Maçonaria Paraense

Como prova de apreço e amor filial
do menor de seus obreiros, o oferece

O Autor

A Irmã Celeste

Peça em 4 atos, representada pela 1ª vez no teatro *Bar Paraense*, no Pará, pela companhia
Alves da Silva, na noite de 17 de abril de 1913.

TEATRO NACIONAL

Autores e atores

Afirmam escritores patricios que, no Brasil, não há teatro e nunca o houve; que, no Brasil, não há um dramaturgo que haja criado uma obra de valor; que, finalmente, nós nunca tivemos atores, a não ser o *esporádico João Caetano*.

Pois eu, com risco de que me chamem de doido, afirmo e provo o contrário.

De que precisamos é de público; público educado; público de bom gosto literário e artístico; público que faça face aos sacrifícios de empresas criteriosas; público que não dê palmas a *Os Milagres de Sto. Antônio*; que não apinhe a plateia só quando aparecerem nos cartazes os anúncios de melodramas como *Os dois garotos*, *Os estranguladores de Paris*, de dramalhões como o *Zé do Telhado* ou *As duas órfãs*, ou, finalmente de deslavadas revistas de ano onde imperam o maxixe *rafiné*, a exibição de pernas de todos os feitios, os fadinhos apimentados, a pornografia literária.

Façamos um rápido estudo; não falemos nos *Autos Tupis*, do missionário Anchieta que obedeciam a um plano – o de propagar a catequese de nossos índios e que foi obra incolor; não falemos na tragédia *Othelo*, *O Poeta* e a *Inquisição e Olgiato*, a segunda das quais é uma beleza, do Visconde do Araguaya, tido com o fundador do teatro nacional, como o foi o romantismo; passemos de largo pelos dramas de Gonçalves Dias, no número dos quais figura essa *Leonor de Mendonça*, que é um mimo; não digamos nada sobre o *Gonzaga*, de Castro Alves, que é mais um primor literário do que uma obra dramática; sejamos também pessimistas e admitamos que as comédias de Macedo, de França Júnior e de Moreira Sampaio nada valem, o que é um absurdo; digamos mesmo que as peças de Martins Pena, locais onde é estudada a vida íntima de nosso povo, e satirizada com vigor, são uma banalidade; que Arthur Azevedo é um teatrista nulo, e que suas obras *As Joias*, *O Badejo*, *Casa de Orates* etc., não têm mérito algum; não pronunciemos o nome de Andradina de Oliveira; silenciemos sobre os dramas de José de Alencar, sobre essa arrebatadora *Mãe*, que comove e educa, sobre esse *Demônio Familiar*, que nos alegra e faz bem porque... José de Alencar foi mais romancista que dramaturgo; apaguemos como inconscientes, o nome de Porto Alegre do número de nossos teatristas; finalmente, calemos de propósito os nomes de Damasceno Vieira, Quintino Bocayuva, Domingos Olympio, Affonso Olindense (um dramaturgo de mérito), Alexandre Fernandes, Maciel Pinheiro, Costa Pinto, Annibal Falcão, Samuel Martins, Cunha Valle, Rodrigues da Costa Amaral Tavares... Todos escritores nacionais, porque esses, cansados de lutar com a indiferença de um público de cavalinhos, quebraram cedo a pena para esse gênero ariadíssimo da literatura.

Ponhamos de parte esse punhado de heróis, de teatristas *incompetentes*, na abalizada opinião do brilhantíssimo espírito do Padre Rezende, e falemos de Agrário de Menezes fundador do malgrado Conservatório Dramático, da Bahia, o laureado autor de várias peças de valor, desse empolgante *Calabar* – a sua obra prima – drama cuja sua primeira representação foi uma apoteose; citemos desassombadamente o nome de Segundo Wanderley, escritor nortista, nome, talvez, desconhecido no Rio de Janeiro, mas que pertence a um teatrista consciente, em cuja bagagem literária figuram dramas modernos e bem delineados, como esse magnífico *Amor e Ciúme*, que já tivemos o prazer de ouvir e aplaudir com justiça; coloquemos em foco a Sílvia Boccanera Júnior, cuja pena ainda não fraquejou e que nos tem dado peças de escol como *O Grito da consciência*, *Adélia Carrê*, dramas: *A batalha dos pássaros*, *A fror da arta sociedade*, comédias etc; relembremos com saudade, o nome do operoso Moreira de Vasconcelos, empresário, ator e teatrista que nos legou dramas como o *Guarani* e *Joana Ferras* – primorosa peça naturalista – digna de figurar entre obras primas pelo seu

desenvolvimento natural e sem liames, pelo vigor palpitante que soube dar aos menores detalhes das cenas, pelo estudo fiel que nele fez de vários temperamentos distintos e, sobretudo, pela bela lição de moral que nos dá; apontemos como um dos mais tenazes batalhadores a Haroldo Nunes, autor de vários dramas excelentes, como *Dolores*, *Coração de Mulher*, *Rosas e Goivos*, *O bem e o mal*, o *Anjo do lar*, dramas, o último dos quais – um mimo – escrito para a atrizinha de então, Julieta dos Santos, essa fugitiva e rutilante estrela dos bastidores, cujo brilho cedo se apagou na penumbra das abominações pela perversidade cúpida dos homens; apontemo-lo como autor de várias comédias de sugestiva e natural fatura, tais como *Os pretendentes*, *Grandes manobras*, *O idiota*, *A prima*, *A sogra* etc, e que são pilhas de humorismo sadio, principalmente a última; isto feito perguntemos, com a devida venia: encontram-se ou não no Brasil escritores teatrístas que tenham criado obras de valor?

Severiano de Rezende, o padre abalizado em coisas teatrais, quis ser profeta e vaticinou que o único escritor nacional, capaz de levantar o nosso teatro da catalepsia em que jaz, é Coelho Neto.

Não o contradizemos. Para isso, porém, falta no autor de “Inverno em flor” o que sobrava Arthur Azevedo; a prática; a convivência diária com os artistas, na caixa dos teatros, sob tangões, entre bastidores, à luz das gambiarras e das coxias, nos camarins dos artistas; imiscuir-se com eles, ouvi-los, estudá-los, assistir a ensaios, ver como se montam peças, conhecer os mínimos detalhes da arte e os menores segredos da cena, ter gosto pelo teatro, enfim.

Sem isto, pouco ou coisa alguma se consegue.

Nunca também tivemos atores, além do *esporádico* João Caetano...

Mas... Santo Deus! Que diabo de águias teatrais sublimes; que prodigiosos atores esperam, os que assim pensam, que o Brasil produza, para satisfazer o seu arqui-piramidal bom gosto artístico?

Negar, por exemplo, a envergadura de uma verdadeira notabilidade artística a Guilherme de Aguiar, ator para todos os papéis e para todos os gêneros de peças; que no palco tão bem sabia envergar a casaca do aristocrata, como a blusa do operário; a camisola do lobo do mar, como o *veston* do dandy, achando-se em todas as personagens que encarnava muito à sua vontade, é ser positivamente injusto.

Negar talento artístico, dizer, sem que lhe doa a consciência, que Francisco Corrêa Vasques não foi uma notabilidade teatral, um ator de talento, seria um absurdo, uma requintada falta de bom senso; afirmar que o saudoso ator Gusmão foi uma vulgaridade dos bastidores é avançar impunemente uma infâmia; dizer que o nosso querido Xisto Bahia nada valia como ator no palco brasileiro, é cometer criminosamente um ato indigno de lesar o amor à arte; sustentar sem que lhe trema a voz, pela irreverente inverdade, que Moreira de Vasconcelos não foi um artista de merecimento; que Alfredo Peixoto não foi um senhor consciente e lúcido da ribalta; que Lima Penante não passou nunca à luz da rampa de uma mediocridade artística, é sustentar cavilosamente uma sandice.

E Galvão? E Joaquim Augusto, Peregrino, Teixeira, Antônio Coimbra, Florindo, Leal Ferreira, Roque Coutinho, Mesquita, Joaquim Silva, João Câmara, Corrêa Vasques (Filho), Dias Braga, Cardoso da Mota e toda uma seleta lista de artistas que desapareceram: que nos dirá dela o ilustre padre?

Dos vivos, dos que ainda lutam, substituindo o talento no desempenho de peças acanhadas, porque a isso são forçados pelo público e pelos teatrístas que, talentosos como são, conhecendo o público dos teatros e querendo garantir o pão de amanhã, são também forçados a escrever essas

monstruosidades escandalosas e torpes, enfeitando-as de música ligeira, de apoteoses deslumbrantes, iluminadas a fogo de bengala; dos que ainda lutam, poderíamos citar, sem desdouro, os nomes de João Colás, Olímpio Nogueira, João Rocha, João Barbosa, Nazareth Affonso Oliveira, Ferreira de Souza, Antônio Peixoto, João Machado, Luiz França, Edmundo Silva, Peret, Eduardo Leite, Leonardo, Pedro Augusto, Alfredo Silva, Eugenio de Magalhães, Francisco Mesquita, Antônio Campos, José Castro, Pedro Nunes, Antônio Serra, Leopoldo Fróes e tantos outros que por aí andam espalhados de norte a sul, fazendo pela vida porque a arte que abraçaram lhes é madrastra.

E não nos venham dizer que entre os cidadãos por mim, alguns são atores portugueses, porque eu lhes responderei que, se Portugal lhes foi o berço, o Brasil lhes foi o túmulo e lhes é o teatro de ação: para cá vieram: para cá vieram crianças, aqui se criaram, aqui se fizeram artistas, daqui nunca saíram; são, por conseguinte, vocações artísticas brasileiras.

Não é menos profusa a lista que posso apresentar de atrizes brasileiras que têm pisado com distinção e honra os nossos palcos.

Aí estão as crônicas teatrais que falam bem alto e nos fazem lembrar os nomes dessas que já se foram para a vida subjetiva e que se chamaram Ludovina Soares, citada por Alvares de Azevedo, como notabilidade; Antonina Maquelú, Adelaide do Amaral, Manuela Lucci, Emília Câmara – a ingênua brasileira que tão ardente paixão inspirou ao vate baiano, na época da escola condoreira: João Gobert, que tinha uma esplêndida criação na Tapuia, do *Ódio da Raça* – verdadeiras vocações artísticas, e Deolinda Leal, Izabel Porto, Maria Luiza, Vicentina de Moura etc.

Das vivas a lista é maior: Clelia de Araújo, Dolores Lima, Apollonia Pinto, Jesuína Montaná, Ismenia dos Santos, Lucinda Simões (portuguesa que se fez artista no Brasil, criando no Rio um teatro a que deu o seu nome), Lucília Simões (o contrário de sua mãe, brasileira que se fez atriz em Portugal), Lucília Peres, todas artistas de 1ª ordem, dignas de figurar na galeria artística de notabilidades.

São ainda atrizes de merecimento incontestável: Gabriela Montani, Isolina Monclar, Balbina Maia, Luiza Leonardo (infelizmente afastada do teatro), Cinira Polonio, Branca de Lima, Aurelia Delorme, Olympia Amoedo, Abigail Maia, Gabriella Athayde, Olympia Montani, Adelaide Lacerda e um sem número de satélites que lhes giram em torno, como: Maria Maia, Clementina dos Santos, Helena Cavallier, Julieta Pinto, Cecília Porto, Corina Moss, Nathalia Serra, Adelina Nunes, Estephania Louro, Celina Bonheur, Jesuína Leal, Francisca Monclar etc. Para não falarmos na Lopiccolo, na Elvira Concetta e na Maria da Piedade, que por direito também nos pertencem, embora sejam estrangeiras.

Não, com franqueza e sinceridade, o erudito padre Severiano de Rezende não tem razão em afirmar que entre nós não há e nem nunca houve teatro, atores e teatristas. O que aqui deixo engoiadamente escrito e insofismável.

Precisamos apenas arcar contra as traduções estultas; criar um conservatório dramático; injetar no ânimo de nosso povo o fino gosto pelo drama moderno; esmagar essa cabeça de turco do indiferentíssimo público para as obras de valor, subvencionado empresas criteriosas, que procurem arrebanhar os nossos melhores artistas tresmalhados pelos Estados da União, formando, com eles, companhias de 1ª ordem, que só levem à cena peças nacionais, aprovadas pelo conservatório; um teatro- escola para novos artistas, finalmente, curar a catalepsia que empolgou o teatro nacional, mas curá-la radicalmente, para sempre.

A tarefa não é fácil, demanda quase um esforço sobrenatural, mas vale a pena tentá-la.

Este drama, em 04 atos, é extraído, quase que *ad litteram*, de **Irmã Celeste**, romance de fôlego, concepção feliz e majestosa do distinto escritor luso, Dr. Vieira da Costa, a quem peço benevolência do arrojado tentamen.

Se mérito há no meu trabalho, é apenas na arquitetura dos atos, na combinação das cenas e na criação de algumas, para dar vigor à montagem da peça, que foi obra de um modesto e fraco *carpinteiro* teatral.

O drama difere do romance, além de uma ou outra cena, apenas no desfecho: no romance a heroína morre ao ler a carta fatídica; no drama, há somente uma síncope, não indo o extrato além do capítulo XII, para a felicidade dos dois amantes e vivacidade do quadro final que, em cena, com a morte de Celeste, se tornaria monótono e frio.

Mais nada.

Pará, 1910.

O autor

(José Eustachio de Azevedo)

A IRMÃ CELESTE

Personagens:

- Dr. Ayres de Mendonça, médico..... Alves da Silva
- Padre Guilherme, o pároco..... Reynaldo Teixeira
- Norberto, farmacêutico..... Alacid
- Máximo, sogro de Norberto..... Antônio Soares
- Provedor..... Miranda
- Criado..... Carlos
- Carteiro..... Idem
- D. Amélia, tia de Valentina..... Adelina Nobre
- Irmã Celeste, mesma que Valentina..... Sarah Nobre
- D. Maria, mãe de Valentina..... Carlota
- Irmã Tereza do Rosário.....
- Irmã Rita de Cássia..... Encarnação Barbosa
- Irmã Verônica das Cinco Chagas..... C. Souza
- Madre Superiora..... Alzira

Época atualidade

Primeiro Ato

Sala de recepção de um hospital. Portas ao fundo que dão para um corredor. À direita, alta e baixa, duas portas baixas, duas portas mais. À esquerda, uma banca com jornais, papel, escrivadinha e pena para escrever. Mobiliário simples. Manhã.

Norberto (*ali, sentado, junto à mesa, lê um dos jornais. Um criado, no limiar de uma das portas, ao fundo*).

Criado – Dá licença?

Norberto – (*fechando o jornal e virando- se*) Entre: que é?

Criado – As religiosas acabam de chegar e estão lá embaixo, numa carruagem, à espera de V. S. ^a.

Norberto – (*bruscamente*) Á minha espera!? Que as leve o diabo! O meu ofício aqui é aviar receitas e não receber *manas*! Chame o pároco, que já deve ter acabado de mascar latim lá na capela...

Criado – A missa ainda não terminou!

Norberto – Pois então que entrem para a enfermaria e esperem lá o provedor que não deve tardar. Eu é que não as recebo. Era só o que faltava! Vá, conduza- as para a enfermaria (*o Criado sai. Norberto levanta- se colérico, amarrota o jornal e atira- o para cima da mesa*). Raios as partam (*Passeia agitado*).

Máximo – (*entrando familiarmente, do fundo*) Bom dia, Norberto, como vai tu?

Norberto – É como o senhor vê meu sogro, comendo o pão que o diabo amassou!

Máximo – Sofreste alguma contrariedade?

Norberto – Pois não sabe?! Acabam de transformar o hospital em convento de freiras e eu, assim a uma espécie de guardião! Aí vem um cardume dessas *joias* para cuidar dos nossos doentes, como se nós não tivéssemos aqui pessoas capazes para exercer esse *mister*.

Máximo – Má lembrança, não há dúvida. E o doutor Ayres? Gostará ele dessa substituição?

Norberto – Está visto que não! O doutor é um moço distinto e progressista, inimigo de tudo quanto cheira à coisa velha (*dirige- se ao fundo e espreita*). Olhe, lá vem o grupo negro, vai passar por aqui, venha ver (*Máximo aproxima- se da porta. As freiras, em número de quatro, atravessam o corredor; cabisbaixas*). Corja! E não haver um raio que as parta! (*passeia furioso*)

Máximo – Sossega. O que não tem remédio, remediado está. Daí, quem sabe? Talvez, sejam boas criaturas...

Norberto – Pois sim! Fossem anjos! Com aqueles hábitos negros, aquele todo de humildade e hipocrisia, não passam de demônios disfarçados.

Criado – (*da porta ao fundo*) Está aí uma senhora que deseja falar ao provedor e, como ele ainda não chegou...

Norberto – É também freira?

Criado – Não, senhor; traja- se como uma senhora da alta sociedade.

Norberto – Mande-a entrar (*o criado sai*). Quem será?

Máximo – Naturalmente alguma senhora que vem à consulta.

Criado – (*conduzindo D. Amélia*) Ali está o senhor farmacêutico, minha senhora (*sai*).

D. Amélia – (*a Norberto*) Desculpe- me, senhor, se o incomodo; mas, trata- se de o bem estar de uma aflita mãe. É por ela que aqui venho.

Norberto – Sente- se, minha senhora. Em que lhe podemos ser úteis?

D. Amélia – (*sentando- se*) Soube que veio para o serviço hospitalar desta casa uma sobrinha minha e desejava dirigir- lhe algumas palavras. Vi- a mesmo entrar a pouco, em companhia de outras religiosas...

Norberto – Ah! Com que então a senhora tem uma sobrinha que é freira...

D. Amélia – Infelizmente, senhor.

Máximo – (*surpreso*) Como infelizmente?!

D. Amélia – Porque não era essa a vida que desejávamos para ela. Porque essa pobre criança foi empolgada pelo fanatismo religioso, que a transviou. Desejava, pois, mais uma vez ver se consigo faze- la abandonar a carreira que segue, e é esse o motivo que aqui me conduziu.

Norberto – (*satisfeito*) Muito bem, minha senhora. Pensa muito bem! Como se chama sua sobrinha?

D. Amélia – Valentina Noronha. Desde, porém, que entrou para a congregação, fizeram- na esquecer o nome da família para lhe darem outro: apelidam- na agora de irmã Celeste...

Norberto – Santas criaturas! Raios as partam! (*pausa*) Bem, minha senhora, vou mandar chama- la e que Deus inspire as suas palavras (*toca a campainha. Aparece o Criado*). Vá à enfermaria e diga à Superiora que está aqui uma senhora que deseja falar com a irmã... Celeste (*o Criado sai. Para D. Amélia*). Agora, peço licença para retirar -me: não desejo, por enquanto encará- las...

Máximo – Acompanho- te. (*para D. Amélia*) Ficam assim mais à vontade. Com licença (*ambos cumprimentam D. Amélia e saem*).

Celeste – (*entrando, seguida pela Superiora, baixo, para esta*) Minha tia aqui!...

D. Amélia – (*correndo para ela*) Valentina!

Superiora – (*emendando*) Celeste, minha senhora; Celeste do Amor Divino!

Celeste – Que a trouxe aqui, minha tia? A que devo eu o prazer da sua visita?

D. Amélia – Preciso falar contigo, em nome da tua mãe doente...

Celeste – Doente?! Pobre mãe! Que Deus se compadeça de sua alma!

D. Amélia – Sentemo- nos. Tua mãe, desde o dia em que arrebatadamente a deixaste, sem lhe ouvir as súplicas, padece e definha a olhos vistos, com saudades de ti...

Celeste – Minha mãe!...

D. Amélia – Só pensa em ti. Chora tua a ausência e a cada instante repete o teu nome, dizendo que em breve deixará a terra, se continuares surda às suas súplicas...

Celeste – Deus de misericórdia! (*a Superiora benze- se*) Que poderei fazer para tirar- lhe esse pensamento!... Diga- me minha tia!...

D. Amélia – (*animada*) Bem pouca coisa, sobrinha: abandonar o hábito, voltar para sua companhia, quanto antes...

Superiora – (*admirada*) Que!? Minha senhora! Transviar a filha de Deus do caminho reto do dever, da tranquila existência por Ele imposta aos pecadores, para que se salvem e conquistem a vida eterna, oh! Isso não se aconselha minha senhora! É um sacrilégio!

D. Amélia – Cale- se, irmã! Deus não exige, de certo, de uma filha o sacrilégio de ver morrer a mais santa das mães, pelo fútil pretexto de abraçar a enervante vida do claustro! (*para Celeste*) Valentina, tua mãe espera- te... Só a tua presença a salvará...

Celeste – Mas, eu não posso minha tia! Deus tocou- me com a sua divina graça, elegeu- me para sua serva, e eu vou para Deus... Devemos todos sofrer por Ele, que tanto por nós padeceu!

Superiora – Isso, minha filha! Reza pela tua mãe para que o Senhor lhe dê o sossego neste mundo, e a bem aventurança no outro...

D. Amélia – (*colérica, levantando- se*) Cale- se, irmã! Vejo agora que é impossível arrancar a incauta rola das garras do milhafre! (*apontando para Celeste*) Ela não é a culpada, porque ensandeceu! Os culpados são os infames que a fanatizaram atraídos pela sua fortuna, que é boa, e, talvez, pela sua mocidade e beleza, para fins inconfessáveis!...

Celeste – Oh! Minha tia!

Superiora – Estás blasfemando, senhora! Que Deus vos perdoe!

D. Amélia – Esse Deus, cujo nome tão hipocritamente invocais, não é uma ficção: existe! Ele tomar- vos- a contas do bem ou mal que fizerdes nesse mundo! (*para a sobrinha*) Ainda uma vez, Valentina, em nome de tua mãe acabrunhada e doente, suplico- te que não a deixes por mais tempo... Olha que a vida da pobrezinha está por um fio!...

Celeste – Minha tia, que tortura terrível é a minha! O que me pede é impossível! Conformemo- nos com a vontade do Senhor. Adeus! Diga a minha querida mãe que não me queira mal, que me lance a sua benção e que se conforme com os decretos de Deus, que são irrevogáveis. Adeus! Adeus! (*a Superiora cumprimenta levemente D. Amélia e acompanha Celeste. Pela porta da D, alta, surge o pároco*).

D. Amélia – (*chamando- a, e correndo para ela*) Valentina! Ouve ainda uma vez! Atende à voz da razão!

Pároco – *(com um gesto, manda as religiosas afastarem-se, e com outro detêm D. Amélia, que as quer seguir)* Deixa-a seguir o caminho que a levará à bem aventurança. Não perturbe o espírito da irmã Celeste, que já repousa em Deus...

D. Amélia – E Deus manda que os filhos façam a infelicidade dos pais?

Pároco – Jesus, Nosso Senhor, disse: “Quem por mim não deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos e seus filhos, não será digno de mim”. A irmã Celeste segue os conselhos do Divino Mestre!

Médico – *(que ouviu as últimas palavras do Pároco, entrando)* Engana-se, reverendo, na citação. No evangelho não está escrito “não será digno de mim” e sim, “não será meu discípulo”. De mais, Jesus era Jesus, filho de Deus, e os jesuítas são os jesuítas, filhos de Loyola: a diferença é infinita!

Pároco – *(sem se perturbar)* Os jesuítas são os filhos diletos de Jesus!

Médico – Pataratas para passar pez nos olhos dos incautos, dos fanáticos e das almas simples. O jesuíta adota apenas a morte, mata e queima; Jesus perdoava os que erravam! Ora, veja o reverendo a diferença! *(adianta-se para a mesa dos jornais, senta-se e começa a ler um deles)*.

D. Amélia – *(para o Pároco)* Padre Guilherme, em nome do que mais estimais, aconselhai minha sobrinha no sentido de voltar para companhia de minha irmã... Ela era a vida daquele lar, a alegria da família, o consolo único de sua mãe desolada!...

Pároco – Nada posso fazer nesse sentido. Como servo de Deus na Terra, interessado nos esplendores da religião, o meu dever proíbe-me de afastar da casa do Senhor uma criatura inspirada por Ele...

D. Amélia – Mas, é uma obra de caridade, padre, evitar uma desgraça. Minha sobrinha é uma criança ainda, mal conhece o mundo, não sabe o que faz...

Pároco – A graça de Deus em todas as idades se manifesta...

D. Amélia – E dessa forma concorre vossa reverendíssima com a vossa religião para um crime: a morte dessa infeliz criatura a quem roubaram a filha... Oh! Tende piedade de quem sofre padre Guilherme; uma única palavra, um gesto vosso e Valentina voltará ao seio materno!...

Pároco – Sinto muito, minha senhora... É humanamente impossível o que me pede.

D. Amélia – É demais! Compreendo tudo! É como já disse a pouco: querem a morte da mãe para se apossarem da herança da filha fanatizada! Para que sua fortuna, que é boa, passe a ser patrimônio da Igreja! Minha sobrinha está sendo seduzida ferozmente pelo jesuitismo, como o ia sendo no Porto, há tempo, D. Rosa Calmon!...

Médico – *(maquinalmente)* É lógico!...

Pároco – *(com brandura)* Lastimo o seu arrebatamento, senhora, e do fundo d'alma a perdoo... Nós não seduzimos ninguém. Explicamos apenas a palavra de Deus! *(sai de cabeça baixa)*

D. Amélia – A palavra de Deus! Como se Deus fosse algoz.

(entram Norberto e Máximo. Aquele dirige-se para D. Amélia)

Norberto – Então, minha senhora, conseguiu alguma coisa?

D. Amélia – *(desolada)* Nada, senhor, nada! Minha sobrinha está completamente perdida para nós!

Médico – Sei, vagamente, pelo que pude ouvir, de que se trata. E descanse senhora, que nem tudo está perdido ainda: tenho o contra veneno, e V. Ex.^a em mim um aliado.

Máximo – *(a Norberto)* E em nós também!

Médico – Já vê, somos três. Conte conosco!

D. Amélia – Obrigada, senhores. Tudo quanto fizerem reverterá em favor do espírito de uma infeliz mãe, e dessa desventurada criança que o fanatismo religioso cegou. Adeus, meus senhores, e acreditem na minha gratidão.

Médico – Adeus, não! Até breve! *(D. Amélia despede-se e sai. Voltando-se para Norberto, o médico retoma a palavra)*. Com que então, as santinhas sempre chegaram!? Quantas são?

Norberto – Quatro como os novíssimos do homem, mas, sem o Paraíso.

Médico – Bem parecidas?

Norberto – Horrendas! Verdadeiras corujas, com exceção da mais nova. Enfim, temos cá a Morte, o Juízo e o Inferno, sendo o Paraíso substituído pelo purgatório. Raios as partam!

Médico – Onde estão elas?

Norberto – Na enfermaria, para onde as mandei, a confabular com o provedor, que acaba de entrar pela porta dos fundos.

Máximo – Fala no mau, aparelha o pau! Elas aí vêm! *(entram as freiras, menos Celeste, acompanhadas pelo provedor)*

Provedor – *(para o médico, apresentando)* Bom dia, doutor! Aqui tem as suas novas adjuntas *(apresenta-as)* Esta, é a Superiora, *mère*, e chama-se irmã Tereza do Rosário; aquela é a irmã Rita de Cássia; esta, a irmã Verônica das Cinco Chagas. Falta uma – a irmã Celeste do Amor Divino, que ficou na enfermaria.

Médico – *(depois de breve pausa)* Havemos de nos dar bem, porque espero encontrar nas irmãs toda a coadjuvação e dedicação possíveis...

Superiora – *(baixando a cabeça)* A nossa obrigação é tratar bem os enfermos, para bem servir a Deus... *(entra a irmã Celeste)*

Provedor – *(vendo Celeste)* Ah! Eis a que faltava: a irmã Celeste do Amor Divino. *(para ela)* Este é o nosso médico, irmã. E agora que estão feitas as apresentações, permitam que me retire. Tenho que fazer alguns pedidos aos nossos fornecedores. Até já! *(sai)*

Médico – *(para as freiras)* Muito bem. Ide esperar-me na enfermaria *(as religiosas retiram-se, à exceção de Celeste. O doutor interroga-a)* Deseja alguma coisa?

Celeste – *(timidamente)* Consulta-lo doutor...

Médico – Está doente?

Celeste – Sofro. Há algum tempo doe- me a cabeça constantemente, vivo quase sempre constipada, tenho às vezes febre e sede...

Médico – *(tomando- lhe o pulso, passando-lhe a mão pela testa, examinando- a)* É um ataque de gripe, muito atenuado, felizmente. Vou receitar- lhe umas cápsulas para tomar de 2 em 2 horas.

Celeste – Sinto também opressões pulmonares, sufocações, dores no estômago e, por vezes, pontadas agudas e dolorosas no coração...

Médico – *(franzindo a testa com interesse)* E há muito tempo que sofre disso?

Celeste – Há três anos tive uma doença do coração, mas, passou. Depois, de tempos a tempos, apareceram- me as pontadas. Agora, porém, vieram com mais força. Como fosse indigitada para o serviço dessa casa, aproveito agora a ocasião para consulta- lo...

Médico – E que lhe disse o médico que a tratou? Como diagnosticou?

Celeste – De nevrose do coração.

Médico – Bem. Preciso examina- la. Vá me esperar na enfermaria *(Celeste vai a sair)*. Escute- me: há quanto tempo segue esta vida de religiosa, que não diz bem com a sua mocidade e beleza?

Celeste – *(baixando os olhos)* Há quatro meses, doutor...

Médico – Já professos?

Celeste – Não senhor; sou noviça ainda.

Médico – E sanciona professar?

Celeste – *(rápida e resoluta)* De certo que sim! Pois então!?

Médico – Não professe. É uma dor de coração, é um crime amortilhar uma mocidade assim!

Celeste – Oh! Doutor! Não diga heresias! Não blasfeme!

Médico – Não blasfemo, não! Digo- lhe a verdade. Mau conselho lhe deu o tonsurado roupeta que a desinquietou da casa de seus pais, para lhe dar este modo de vida tumular! *(Celeste nada responde, volta- lhe as costas e retira- se de cabeça baixa)* Como está fanatizada esta moça! Infeliz rapariga!

Norberto – É difícil arrancá-la das unhas dos frades, isso já a tia nos havia dito há pouco. Afinal, doutor, estão completos os novíssimos do homem! Também temos cá o Paraíso: a irmã Celeste! Que tal a acha?

Médico – Faz- me pena ver uma criatura assim, perdida para o mundo, para a família e para a felicidade. Aí está mais uma razão para se dar caça aos jesuítas. Os senhores já pensaram nas agonias de um coração de pai, de mãe, de irmão, ao arrancarem- lhe assim pedaços d'alma? *(cruza os braços)*

Máximo – Ah! Meu amigo! É isso exatamente o que eu penso! Tenho duas netas que são a luz de

meus olhos, o encanto de minha velhice; e quando penso que elas me podem ser arrebatadas pelo jesuitismo... Palavra d' honra que me sinto desfalecer cá por dentro!

Médico – *(fazendo um sinal a Norberto)* Vamos ver os doentes. *(Norberto acompanha-o; Máximo os segue).*

Norberto – *(desaparecendo)* Os Jesuítas! Os Jesuítas! Raios os partam!

Rideau

Segundo Ato

O cenário apresenta a farmácia de um hospital. À esquerda, um balcão com vidro de drogas, balanças etc. Porta ao fundo, à direita, alta e baixa, portas praticáveis. À esquerda, sobre uma banca, uma caixa contendo um aparelho elétrico, cadeiras, poltronas etc. Manhã.

Norberto em pé, no balcão, manipula os remédios. As quatro freiras, sentadas, esperam as receitas; pouco depois o pároco.

Norberto – *(chamando)* Irmã Celeste *(Celeste levanta-se e dirige-se para ele)*. Aqui tem os remédios para os doentes. *(entrega alguns frascos. Celeste sai)* Toca agora a aviar as outras. *(continua a trabalhar)*

Superiora – *(levantando-se)* Demora muito ainda, senhor Norberto?

Norberto – *(com azedume)* O necessário tempo para que fiquem prontos! Não tenho quatro mãos!

Superiora – É que, se ainda demora, nós poderíamos aproveitar esse tempo para as nossas rezas...

Norberto – Em primeiro lugar estão os nossos doentes, irmã! Esta casa não foi feita para orações e missas, e sim para nela se tratar de doentes.

Pároco – *(entrando da direita, alta)* Bom dia, senhor Norberto... *(para as freiras, baixinho)* Como vai a irmã Celeste? Onde está que não a vejo?

Superiora – *(confidencialmente)* Foi para a enfermaria... Depois que se pôs em contato com estes dois demônios, que são o médico e o farmacêutico, anda apreensiva e parece já não ser a mesma.

Pároco – *(idem)* Convém não deixa-la só. Vigia-la. Se a perdermos, a congregação sofrerá um abalo não pequeno. Como vai a mãe dela? Tem tido notícias?

Superiora – Continua doente. Ainda ontem a irmã Rita de Cássia interceptou uma carta da tia, em que lhe dizia que a doença aumentava de intensidade e que a morte da velhota era para breve se a irmã Celeste não a fosse ver...

Pároco – E a carta, a carta?!

Superiora – *(tirando um envelope do bolso)* Ei- la!

Pároco – *(guardando a carta)* Quanto custa a morrer essa criatura! Redobrem de vigilância. A irmã Celeste representa para nossa santa congregação um filão de ouro. *(despedindo-se em voz alta)* Que a paz do Senhor seja convosco! *(vai a sair)*

Norberto – Raios partam o roupeta! Que estaria ele a cochichar?

Médico – *(entrando do fundo)* Deus seja aqui e o diabo em casa dos frades! *(Norberto ri-se)*

Pároco – *(enquanto as irmãs se benzem)* Sempre pilhérico o doutor! Que Deus lhe dê boa sorte!

Médico – Venho a pingar de suor, safa! Ah! Que se eu fosse frade, outro galo me cantaria! *(coloca o chapéu sobre uma cadeira)*

Pároco – *(com mansidão)* Os padres também tem suas canseiras e suas mortificações, são homens de santa vida...

Médico – Na verdade, não pode haver vida mais santa do que a levam, comer bem, beber melhor, dormir à farta, tendo por único trabalho fazer orações, dizer missas em mau latim e sermões em péssimo português! Só tem um defeito essa santa vida: é ser ociosa, é ser vida de mandriões!

Superiora – *(benzendo-se)* Credo, doutor! Está blasfemando! *(Norberto aplaude o médico por gestos)*

Pároco – Mandriões!

Médico – Pois então!? Que pode ser senão de mandriões aquela vida? Pois hoje que tudo trabalha, que tudo labuta, pode admitir-se uma existência assim? Porque todos trabalham, reverendo; trabalha-se aos campos, nas oficinas, nas casas e nas ruas, nos gabinetes e nas fábricas, nas entranhas da terra e no cimo das águas! É uma luta constante, ininterrupta, eficaz, pela conquista da ciência e do pão de cada dia, este, às vezes, bem amargo, bem molhado de suor e até de lágrimas. Pois bem. No meio desse labor insano, dessa agitação universal, um grupo de vadios evadi-se à atividade geral e passa a vida regaladamente, numa ociosidade condenável, sem concorrer em coisa alguma para o interesse da humanidade: mandriões!

Pároco – *(atônito)* Mandriões! Mandriões!

Médico – *(com calor)* Mandrião sim, senhor! No meio de homens que trabalham e produzem, em luta constante com as fadigas de cada dia e apoquentações de cada hora para o bem estar da coletividade, que nome se pode dar para essa caterva de indivíduos que nada faz? Deus, segundo a Bíblia, disse ao homem: “Comerás o teu pão ganho com o suor do teu rosto”, maneira indireta de lhe fazer compreender que, se queira ter direito à vida, era preciso trabalhar!

Norberto – Muito bem, doutor!

Médico – *(continuando)* Entretanto que faz o frade? Mete-se num convento, com um rosário e um ripanço, à mistura com alguns pipos de vinho generoso e fatias de presunto, mais nada!

Pároco – O doutor desculpe-me, mas, se não é herege, é materialista por força, para assim injuriar uma classe de homens que também tem canseiras e consumições, no sentido de explicar aos incrédulos a palavra de Deus!

Irmã Rita de Cássia – Realmente, doutor, V. S.^a está hoje de muito mau humor...

Médico – Digo a verdade.

Irmã Rita de Cássia – É capaz de dizer também que nós nada fazemos.

Médico – E que mal haveria nisso? A vidoca é quase a mesma; as religiosas leem pela mesma cartilha do frade, e se há boas no rebanho, essas, aos poucos, se perdem também, nos segredos tremendos, nos crimes abomináveis dos conventos. A história está cheia de exemplos...

Superiora – Realmente, é preciso estar doido ou desconhecer nossa santa missão, a nossa vida castíssima, a obrigação sublime a que nos impusemos, para afirmar tais heresias!

Médico – Faço raríssimas exceções, conheço- as de sobra! Ora, se não escutem: uma religiosa sucumbia um dia a uma morte suspeita. A imprensa bradou, e a justiça, a essa voz poderosa, mandou proceder a autópsia. O médico legista era eu. Sabem o que constatei no cadáver? Todos os característicos de uma mulher capaz de ser uma ótima esposa e uma excelente mãe, mas, nenhum indício de... Santa ou de anjo imaculado! Os sinais que encontrei, provaram- me, bem ao contrário, que a natureza nela se fizera sentir com a violência de uma exigência cruel!... *(todas as irmãs adiantam- se para o balcão, recebem das mãos do farmacêutico os frascos de remédio e retiram- se cabisbaixas pela D, baixa).*

Superiora – *(para as irmãs)* Não nos podemos entender; retiremo- nos, irmãs! *(saem)*

Pároco – O doutor é arrojadíssimo nas suas discussões e eu, com possessos do demônio, não discuto! Passe muito bem: vou orar pelos pecadores e pedir a Deus que o salve das penas do inferno! *(retira- se furioso)*

Norberto – *(entusiasmado)* Bravos doutor! O reverendo e as manas foram- se como bichas, comendo fogo! Levam que contar!

Médico – O que desejo é que o meu arrebatamento de agora não venha dificultar a nossa tarefa. A lâmpada de magnésio já veio?

Norberto – *(apontando para o aparelho)* Esta ali. Porém, que vai o doutor fazer com aquilo?

Médico – Provocar na irmã Celeste o sono hipnótico. Sugestiona- la, iludi- la, e, por meio da mentira, que foi a arma com que o jesuitismo a empoçou, faze- la abandonar esta casa e a existência que a estiola. D' outra forma nunca conseguirei arranca- la das garras desse padre que a fanatizou!

Norberto – Deus o ajude, doutor! E que fará dela?

Médico – Restitui- la- ei à família desolada, solicitando nesse dia a sua mão de esposa: a candura da sua alma já começou a povoar- me o coração vazio! Amo- a, Norberto!

Norberto – Será isso possível?

Médico – Desde o primeiro dia que a vi, tão ingênua pura, tão formosa e infeliz, nunca mais me saiu da imaginação. Amo- a com todas as forças da minh'alma!...

Norberto – Silêncio, doutor! Ela aí vem!

Celeste – *(suplicante, para o doutor)* Tenho um favor a pedir- lhe...

Médico – E eu um grande prazer em servi- la. Que deseja?

Celeste – Queria pedir- lhe que pusesse termo às suas discussões religiosas com as irmãs e, sobretudo, com o padre Guilherme...

Médico – Por quê?

Celeste – Pode resultar daí contrariedades para mim... E a mais dolorosa será fazerem- nos sair daqui, onde tão bem me dou!... Ainda pouco combinavam na enfermaria a nossa volta ao convento...

Médico – Pois bem. Dou- lhe a minha palavra de honra que d' ora avante não discutirei mais, exceto se for provocado.

Celeste – (*sorrindo tristemente*) Muito agradecida. Não sei quem terá razão, mas tenho observado que o doutor não é muito religioso...

Médico – Quer que lhe diga? Acho suas colegas intolerantes, egoístas, não pensando senão na salvação das suas almas e muito pouco na saúde dos doentes que lhes confiam. Ora aí está. Quanto a senhora, se me quisesse ouvir...

Celeste – Fale doutor!

Médico – Soltava o voo em busca da felicidade, quebraria as grades da prisão que a subtraiu ao mundo e, assim agindo, faria também a ventura dos que a estimam, a felicidade de sua família, a alegria de sua velha e desolada mãe!

Norberto – (*apoiando*) O doutor diz a verdade, menina. Faz pena ver amortalhada num hábito negro, quem nasceu para envergar o véu das noivas... Se algum dia a irmã resolvesse abandonar o claustro e voltar ao mundo, visto que não tem votos que a prendam, havia de ser uma digna esposa.

Celeste – Isso é impossível! Que maior ventura poderei ter do que a de ser a serva do Senhor?

Médico – Pensa muito mal!... Quem tem razão é Norberto! Oh! E como seria feliz o homem que escolhesse para seu esposo, para seu companheiro amado!

Celeste – (*estremecendo, comprime o coração e baixa os olhos*) Eu não tenciono voltar ao mundo. Deus nunca me perdoaria deixar o seu serviço pelo dos homens.

Norberto – Histórias que lhe meteram na cabeça esses frades, raios os partam! E então as religiosas já professoras, que deixam os conventos para se casarem? E as que os deixam já casadas... da mão esquerda? Nunca ouviu falar nisso? Duvida? Pois então leia! (*tira do bolso um jornal velho que apresenta a Celeste. Esta hesita e o doutor, tomando o jornal, lê*)

Médico – (*lendo*) “Nas asas do amor”. Comunica- nos o nosso correspondente de Pernambuco, que uma irmã de caridade que servia num hospital daquela capital, acaba de bater as asas com um doente que teve alta, ansiosa por trocar a touca branca, por um véu mais branco ainda. Fez ela muito bem. Deus manda que, depois d' Ele, devemos amar o nosso próximo, e o próximo de uma mulher deve ser seu marido.

Norberto – (*alegre*) E então!? Já vê irmã...

Celeste – (*espiando*) Parem com essas conversas, que podem ser ouvidos!

Médico – *(tratando- a pelo nome)* Acredite- me, D. Valentina; só a missão de mãe de família é grande e sublime. Muito mais do que a religiosa compreende ela a palavra de Deus e sabe explicá-la. Os apóstolos podem difundir uma religião, os padres prega- la, as freiras ensina- la; mas só as mães sabem perpetua- la em alicerces sólidos no coração de seus filhos; a ternura materna é o mais sublime dos sentimentos humanos!

Celeste – Acredito- o, doutor. Eu, porém, enveredei pelo caminho da fé, que me elevará a Deus e se, pelas suas encantadoras palavras, é- me desconsolo não pertencer ao mundo, serve- me de bálsamo a convicção de que alcançarei o céu pelo sacrifício de tudo deixar para servir a Deus, Senhor Nosso...

Norberto – Está fresca a resolução! Se todas as mulheres pensassem assim, então que seria da humanidade? Ficaria extinta em breve tempo, e assim deixava a gente de seguir as palavras de Deus, que nos disse: “crescei e multiplicai!”.

Médico – *(vendo que nada conseguia)* Bem. Vamos à experiência, irmã. Sente- se disposta?

Celeste – Perfeitamente.

Norberto – *(baixo, para o médico)* Eu disse alguma asneira, doutor?

Médico – Não, senhor. *(coloca uma cadeira em frente do aparelho de magnésio. Para celeste)* Sente- se aqui, faça favor. *(Celeste obedece, sorrindo. O doutor dirigindo- se a Norberto)* Acenda a lâmpada! *(Norberto obedece. O Médico ajeita Celeste na cadeira, buscando posição favorável para o sono).*

Celeste – *(surpresa)* Para que mandou acender aquela lâmpada?

Médico – *(olhando- a fixamente)* Para avaliar a sua força nervosa, para formar o diagnóstico de sua doença. Olhe- a fixamente. Concentre nela todos os seus sentidos. *(Celeste obedece. Pouco depois as suas pupilas, fatigadas, dilatam- se e os olhos fecham- se)* Enfim! Adormeceu. Agora, apague a lâmpada e feche todas as portas, depressa! *(Norberto obedece. Para Celeste)* Ouve- me?

Celeste – *(após rápida demora)* Ouço.

Médico – Promete responder ao que lhe vou perguntar?

Celeste – *(hesitante)* Conforme. Se me perguntar segredos que só pertençam ao confessor, nada poderei dizer...

Norberto – *(desapontado)* Mau, mau! Temo- la travada!

Médico – Vejo que a irmã não me reconhece: sou o padre Guilherme, seu dedicado confessor e guia espiritual...

Celeste – *(radiosa)* Sim! Sim! Reconheço- o agora! Perdoe- me, meu pai! Não posso ter segredos para com o meu confessor...

Médico – Então, responda. Foi sua família que a fez abraçar a vida religiosa?

Celeste – Não, meu padre. Eles não queriam minha mãe só tinha a mim, estava doente e velha,

pediu- me até suplicante que não a deixasse... E eu deixei- a! (*A voz de Celeste é entrecortada de soluços e lágrimas*)

Médico – Como teve coragem de abandonar sua velha mãe? Oh! Foi muito cruel, minha filha!

Celeste – Um padre, amigo da família, aconselhou- me, dizendo que esse meu ato era agradável a Deus!

Médico – E como pode acredita- lo?

Celeste – Foi ele o meu primeiro confessor e quem me deu a primeira comunhão, tinha por ele respeito inabalável e só a ele ouvia...

Médico – E depois de noviça, nunca pensou em voltar ao mundo?

Celeste – (*baixo*) Muitas vezes peço pensando nisso, na solidão da minha cela; e peço perdão a Deus por essa ofensa. Tenho muitas saudades de minha mãe, de minha tia e, para maior desdita, parece- me que tenho agora o coração tomado por um afeto mundano, do qual não tenho podido libertar- me.

Médico – Se isso é verdade, minha filha, não hesite, volte para o lar de sua família, que faz muito bem.

Celeste – O padre, porém, de que falei, disse- me que Deus não me perdoaria o abandono do seus serviços pelos homens...

Médico – Deus é misericordioso, sabe perdoar, minha filha, esse passo que quer dar não é um pecado mortal. Diga- me: é então grande o afeto que nutre por um homem?

Celeste – Oh! Muito! Só por ele vivo agora, apesar de não lhe ter dado a menor demonstração, dele nada suspeitar...

Médico – (*sorrindo*) Amores assim, minha filha, só a vontade de Deus inspira. Não pense, pois, em professar: proíbo- lhe! Quanto a mim, vou remover todas as dificuldades, para o mais possível restituí- la à sua família e ao homem que ama. Nada receie.

Celeste – E Deus não me castigará?

Médico – Não. Foi ele quem a inspirou a proceder assim, para o bem estar de sua santa e feliz mãe.

Celeste – Oh! Obrigada por essas palavras, meu padre!

Médico – A irmã deposita confiança em alguém aqui no hospital?

Celeste – Sim! No farmacêutico e no...

Médico – E no homem que ama. Pois bem; a eles deve dirigir- se para que a auxiliem na fuga. Só a eles! Eu, padre Guilherme, seu confessor, ministro de Deus na Terra, a isso a aconselho!

Celeste – oh! Meu pai! Pelas chagas de Cristo, obrigada!

Médico – O que é urgente é que a filha volte ao mundo. Marcou- lhe Deus a missão de ser esposa e

mãe: é preciso cumprir a sua missão. *(para Norberto)* Abra as portas. *(sopra nas pálpebras de Celeste que, aos poucos, acorda)* A doença, irmã, não tem importância alguma. Norberto dar- lhe- a uma poção que vou receitar e que a porá boa. Pode retirar- se.

Celeste – Obrigada, doutor, por tantos incômodos. Se soubesse quanto lhe sou grata!

Médico – Nada tem que agradecer. Eu é que desejo solicitar- lhe um favor.

Celeste – Diga doutor, estou pronta a servi- lo!...

Médico – Pois então, ouça: peça a Deus que a ilumine!

Celeste – *(galhofeira)* Então eu ando às escuras?!

Médico – Anda, sim. As vítimas dos jesuítas andam sempre às escuras: o fanatismo é negro!

Celeste – *(retirando- se)* Pois bem, doutor: pedirei a Deus que me esclareça. *(sai)*

Norberto – Com mil raios, doutor! Estou maravilhado! O senhor metido na pele de um padre! Está cá me fica!

Médico – Se não fosse assim nada conseguiria. Agora, posso afiançar- lhe que ganhamos a partida. Já avisou o seu sogro?

Norberto – Já. Amanhã cá estará como quem não quer nada, em companhia da tia da irmã Celeste. *(pausa)* Mas, como conseguiu o doutor faze- la acreditar que falava com o padre Guilherme?

Médico – Pela sugestão. Hipnotizei- a, sugerindo- lhe depois a aversão ao claustro e a volta ao mundo. A ciência, meu caro, opera estes fenômenos. Agora vá avisar as irmãs da operação que tenho a fazer no doente do quarto nº 5. Preciso delas.

Norberto – Vou num pulo. *(sai a correr)*

Médico – *(dirige- se para o aparelho, cobre- o com um pano e murmura baixinho, levando a mão direita ao coração e, depois, simultaneamente, nela descansando a fronte)* Sossega coração! *(fica imóvel, meditando. Breve pausa).*

Norberto – *(entrando a correr)* A Superiora, doutor, recebeu- me mal, dizendo- me que estavam em oração e que, enquanto a não terminassem, não poderiam vir...

Médico – *(como que despertando colérico)* Pois que vão para o diabo! Isto não se atura! Todo o tempo é para rezas! Três orações de manhã, três à noite, missa todos os dias, e venha para cá o ordenado no fim do mês!

Norberto – É mesmo muito desaforo, raios as partam!

Médico – O meu desejo era expulsa- las, beatas, hipócritas! *(passeia agitado. Depois, resignado)* Tenha paciência, venha o senhor ajudar- me, que isto está por pouco!

Norberto – Vamos lá! Já que chegamos a esta afinação, é levarmos a cruz ao Calvário! *(entra o Pároco, que os ver ainda sair furiosos).*

Pároco – *(de semblante raivoso)* Pena de Talião, doutor do inferno! Veremos qual de nós vencerá!

(cruza os braços e fica a olhar para a porta onde os dois desapareceram)

Rideau

Terceiro Ato

O mesmo cenário do primeiro. O doutor conserva- se sentado junto à banca, escrevendo. A irmã Celeste aparece na porta da direita alta e o contempla por alguns instantes.

Celeste – *(entrando de mansinho)* Doutor!...

Médico – Oh! Por aqui! Julguei que estivesse a rezar! Aqui só se faz isso agora! Os doentes já não merecem consideração...

Celeste – *(atalhando- o)* Por quem é doutor, não me incrimine antes de ouvir- me. Há pouco, é certo, estava na capela, em companhia da Superiora e das irmãs, quando o doutor nos mandou chamar...

Médico – Pois agora chega tarde para consolar. Por que não veio logo?

Celeste – Quando os gritos do infeliz aumentaram, eu pedi à Superiora para ir a seu auxílio... Mas, não me deixaram...

Médico – E dizem- se irmãs de caridade essas harpias!

Celeste – Por quem é doutor, mudemos de assunto. A minha vinda aqui é por outro motivo.

Médico – *(mudando de tom)* Estou à sua disposição.

Celeste – O que tenho a pedir- lhe é muito grave, mas, eu não tenho outra pessoa a quem recorrer... Lembrei- me do doutor!

Médico – E fez bem em contar comigo. Acredite que não encontraria outro amigo mais dedicado do que eu. A lembrança honra- me. Sente- se e fale. Que deseja?

Celeste – *(baixando os olhos)* Já não me sinto com disposições para a vida religiosa... Não me falta a fé para a devoção, nem a coragem para o sacrifício... Mas, a antiga vocação está hoje muito abalada!

Médico – *(surpreso)* Que me diz!?

Celeste – *(animada)* A verdade, doutor. Certos fatos que tenho observado durante a minha permanência na congregação, e, hoje, o ato das irmãs, não querendo acudir a esse infeliz que gemia, destruíram o castelo da minha fé, estirolaram a minha vocação. Assim, resolvi abandonar esta vida e voltar ao mundo que deixei...

Médico – Fala sério?

Celeste – Muito sério doutor. Agrada- lhe a minha resolução?

Médico – Boa pergunta, a mim, que não lhe tenho aconselhado outra coisa! A sua resolução enche-me de imensa satisfação, aprovo-a!

Celeste – Assim, pois, preciso voltar ao lar de meus pais, fugir daqui! Como pode ser? Auxilie-me, doutor!

Médico – Nada mais simples: conheço já sua família, sou o médico de sua mãe, que esteve à morte, mas que já está salva!...

Celeste – (*alegre*) Salva! Conhece minha mãe! Sabe quem eu sou! E nada me dizia!...

Médico – Sei tudo. E tudo já está mais ou menos preparado para a sua saída daqui. Acredite-me: eu não podia resignar-me a vê-la professor, morrer para o mundo e... Para o meu amor, porque eu amo-a, Valentina, desde o dia em que a vi!

Celeste – (*enleada*) Oh! Cale-se, doutor!

Médico – Não lhe devia falar agora nisso, para não lhe parecer que antecipadamente me pago de um obséquio que me pede. Mas eu não pude mais. A candura de sua alma inebriou-me, a sua beleza prendeu-me o coração, amo-a!

Celeste – Cale-se, que me perde! As irmãs podem ouvi-lo e tudo estará perdido!...

Médico – Diga-me ao menos que não lhe sou indiferente...

Celeste – (*baixinho*) Pois bem, não é. Mas, responda-me. Se eu corresponder ao seu amor, se eu conceder-lhe o meu coração, a minha amizade, a minha vida, como me aceitará, a que título me quer?

Médico – Singular pergunta a sua, que me magoa: a título que um homem de bem pode oferecer à mulher amada, a título de esposa!

Celeste – Basta e perdoe-me. É que os padres da congregação fizeram-me duvidar da seriedade dos homens; é que eu quis aquilatar a nobreza de sua alma, antes de lhe dizer que o amo também!

Médico – Obrigado! Se soubesse o que sofri por sua causa, receando sempre perde-la! Cada irresolução sua, fazia-me estremecer; cada persistência sua em professor, era uma punhalada vibrada em cheio no meu coração!

Celeste – (*espreitando*) Doutor, o senhor faz-me morrer de ventura! Mas a ocasião não é própria para falarmos do nosso amor! Estas paredes têm ouvido e eu tenho medo!

Médico – Tem razão! Retire-se por agora. Vou preparar tudo para sua partida. Sua tia virá buscá-la e daqui há algumas horas sairemos todos desta casa!

Celeste – Obrigada, até já! Até breve! Estou doida por tornar ver minha mãe! Oh! Quanto vou ser feliz!

Médico – (*beijando-lhe a mão*) Agora já não há receio em apertar-me a mão e deixar que beijem a sua! É minha noiva, querida Valentina! (*Celeste sai. O doutor senta-se e continua a escrever. Entra Norberto*).

Norberto – (*radiante*) Tudo concluído, doutor. O operado repousa e o perigo já lá vai. Safa! Que nos deu que fazer!

Médico – (*levantando-se*) Ali estão as receitas. Tenho boas notícias a dar- lhe.

Norberto – (*esfregando as mãos*) Venham elas!

Médico – A irmã Celeste deixa hoje o hospital. Avise o seu sogro no sentido de ir depressa à casa da família dela dar essa boa nova a todos, e para que esteja aqui, em companhia de D. Amélia, afim de conduzir a filha arredia à casa paterna...

Norberto – Bravos doutor! Isto é que se chama anda mão, fia dedo! Bravíssimo!

Médico – Devemos leva- la daqui a pouco, quando as irmãs estiverem na enfermaria. O senhor ficará no hospital para não levantar suspeitas. Valentina irá com a tia, seu sogro e eu, num carro de praça.

Norberto – Muito bem.

Médico – Ah! É preciso um disfarce qualquer. Um vestido ligeiro, uma capa, qualquer coisa, vá! Depressa!

Norberto – Farei tudo em cinco minutos! (*vai a correr. Para na porta do fundo e avisa*) Aí vem as manas doutor! Duro com elas, raios as partam!(*sai*)

Superiora – Às suas ordens, doutor; completamente ao dispor do serviço hospitalar.

Médico – Na verdade, chegam mesmo muito a tempo! Que atividade pasmosa! Se o infeliz que precisava dos serviços das irmãs não tivesse mais para quem apelar, a estas horas estaria morto!

Superiora – Estávamos na capela...

Médico – Julguei que a missão das irmãs nesta casa era tratar dos doentes e coadjuvar o médico, mas enganei- me: foi unicamente para rezar que para cá vieram!

Irmã Rita de Cássia – Deus está em primeiro lugar!

Médico – (*irritado*) Mas, neste caso, se a devoção está em primeiro lugar que a obrigação, deixassem- se ficar no convento onde estavam, em vez de se inculcarem enfermeiras nos hospitais. Agora perceberem ordenado como tais, e passarem aqui a mesma vidoca do convento, é que é um abuso feito à boa fé de quem as acredita!...

Irmã Tereza do Rosário – Nós não nos viemos oferecer, convidaram- nos para cá vir...

Superiora – E se não estão contentes com o nosso serviço, nós nos retiramos; mas, jamais deixaremos de fazer as nossas orações. O doutor não tem hora certa, vem quando lhe apraz ou até parece escolher a hora das orações para cá vir...

Médico – (*indignado*) Eu venho quando é preciso, ou quando me chamam com urgência, como hoje aconteceu. Tinha doentes a visitar, deixei- os para vir logo acudir a esse infeliz; e as irmãs, que só tinham algumas orações a mascar, fazem- se esperar duas horas, sofra quem sofrer! É demais! Os seus serviços fê- los o farmacêutico sozinho; aqui não são mais necessárias! Terminando: nunca

recebi censuras de ninguém e sinto-me pouco disposto a recebê-las de subordinadas... Porque as irmãs aqui não passam de péssimas enfermeiras, em quanto que eu... Eu sou o médico!(*pega o chapéu e está a sair*)

Provedor – (*entrando*) Bom dia a todos!

Superiora – (*humilde*) Que a paz do Senhor seja convosco! (*todas se curvam*)

Médico – (*para o provedor*) V. S.^a Não chegou a tempo de ver o que vai por esta casa! Aqui, as irmãs abandonam o serviço no hospital pela oração na capela. Isto não pode continuar! V. S.^a compreende que eu não posso tolerar auxiliares assim! Se continuarem a desobedecer-me, serei forçado a demitir-me, mas, não sem explicar-me pela imprensa todas as patifarias e desaforos que por aqui vão, e os motivos porque me demito! Que isto fique entendido. Passem muito bem! (*sai*)

Provedor – Mas, o que passou irmãs? Por que sai assim o médico tão arreliado?

Superiora – É que o doutor Ayres entende de nos espezinhar toda vez que pode... Procura meio e modos de nos contrariar, e agora só vem às visitas, justamente na ocasião em que estamos na capela, dirigindo nossas preces a Deus... Ora, nós não nos podemos dividir, e nem cortar as nossas orações a meio, para satisfazer os caprichos de um livre pensador!

Irmã Rita de Cássia – (*benzendo-se*) Vai daí, toca a nos descompor, a chamar-nos de relaxadas e outros nomes feios, que a decência manda calar...

Irmã Tereza do Rosário – Até apelidos já nos botou!... A mim chama de *sardinha petinga*; aqui, a irmã Rita, é...

Irmã Rita de Cássia – Eu sou o *bacalhau seco*!

Provedor – (*sorrindo*) E a irmã Celeste?

Irmã Tereza do Rosário – Essa é a *pescadinha*...

Superiora – Nem eu escapei para aquele grosseirão!

Provedor – Também a *mére*! Não a respeitou?!

Superiora – Qual o que! A mim alcunha-me de *cação*! De *cação*, senhor provedor! Que monstro!

Provedor – Está bem. Eu providenciarei como achar justo.

Superiora – (*vendo entrar Celeste*) Depois anda a desencabeçar as irmãs, metendo-lhes coisas do tinhoso na cabeça. A irmã Celeste é a mais alvejada por ele, e, como ainda é uma criança, parece dar-lhe ouvidos.

Celeste – Perdão *mére*. O doutor para mim só tem tido atenções e delicadezas.

Irmã Rita de Cássia – Não é o que temos observado... Ainda ontem surpreendi-lo dando-lhe maus conselhos, no sentido de fazê-la abandonar a congregação...

Provedor – Oh! Minha irmã! Isso é grave!

Superiora – Gravíssimo! Tanto assim que vou requisitar a retirada da irmã Celeste do serviço do hospital e põ-la em penitência! Ela aqui está nas garras do demônio! Já não presta quase atenção às rezas, leva a falar só pelos cantos...

Irmã Celeste – Pelo amor de Deus, *mére*, não fale assim!

Superiora – Porque não hei de falar, se é verdade! A irmã ultimamente, em vez de assistir os santos ofícios e enveredar pelo caminho reto da virtude, para alcançar o céu e ver-se livre das penas do inferno, parece que ainda pensa nas vaidades frívolas do mundo...

Irmã Celeste – Mas...

Provedor – (*para Celeste*) Deixe falar a *mére*! Ouça- a com respeito, minha irmã!

Superiora – Deus ama a castidade, despreza a riqueza, excomunga o prazer e o gozo, recomenda a maceração e o cilício, e a irmã parece esquecer tudo isso, escutando apenas as palavras do demônio que a tenta!

Irmã celeste – (*firme e resoluta*) Se aqui há demônio de quem recebo conselhos, é o padre Guilherme, meu bom confessor. Só a voz dele escuto e sigo. A ele só obedecerei, porque é quem me inspira!

Provedor – E faz muito bem, minha irmã.

Superiora – Não a acreditem. O nosso santo padre só a aconselharia ao bem. Ele condena teatros, danças, leitura de romance, prazeres, e é só isso o que aconselha o demônio!...

Irmã Celeste – Se o demônio é quem a *mére* julga, eu de bom grado o tomaria para guia... Ou para esposo!

Superiora – (*terrível*) Sacrilega! Vê V. S.^a!? Já até pensa em esposo mundano! Que tremenda heresia! O que não dirá Deus isto ouvindo, Ele, que condenava o matrimônio! Que não dirá Maria Santíssima, isto ouvindo dos lábios de uma de suas filhas!?

Irmã Celeste – Maria Santíssima perdoar- me- ia, se me ouvisse, porque ela também teve um esposo amantíssimo e soube ser a mais sublime das mães! (*retira- se altiva*)

(*Entram Máximo e D. Amélia, que traja um extenso véu negro e aquele uma pequena trouxa*)

Provedor – A irmã Celeste está transviada, pelo que vejo, mas voltará ao aprisco saindo daqui. Requisite a sua transferência, já e já, e fica assim tudo sanado. (*para Máximo e D. Amélia*) Que desejam?

Máximo – Falar ao meu genro. Aqui esta senhora vem à consulta.

Provedor – (*para as irmãs*) Vamos à enfermaria. Preciso ter uma conferência com as irmãs. (*para Máximo*) Esta senhora chega tarde, o médico já saiu. Sentem- se, toda via. O Sr. Norberto não deve tardar. (*sai com as irmãs*)

Máximo – (*para D. Amélia, baixo*) Tenha a bondade de assentar- se minha senhora. Meu genro naturalmente espera- nos.

D. Amélia – Tenho medo... Não estará lá dentro o padre?

Máximo – E que estivesse? Eu estou prevenido para o receber.

Norberto – (*aparecendo, a correr para o sogro*) A trouxa?! Esperava- os! A menina rompeu com as irmãs, raios as partam! Estão furiosas!

Máximo – A trouxa está aqui! (*entrega a trouxa a Norberto*) Está tudo pronto?

Norberto – Tudo. As freiras estão agora em conselho secreto com o pároco e o provedor! Não há tempo há perder!

D. Amélia – E Valentina?

Norberto – Avisada, e espera- me. Até já! (*sai correndo*)

D. Amélia – Deus queira que a nossa empresa tenha bom êxito.

Máximo – Há de ter. Depois o doutor está lá embaixo, no carro, à nossa espera. Qualquer coisa que haja, é só avisa- lo, e ele nos auxiliará.

D. Amélia – Tenho medo, medo desse terrível padre Guilherme!

Máximo – Sossegue. O diabo é não tão feio quanto o pintam e o padre Guilherme não é bicho para nos comer vivos. O mais que ele pode fazer é excomungar- nos; mas, a excomunhão dele, ou de outro roupeta como ele, a gente come com batatas!...

D. Amélia – Valentina estará mesmo resolvida a fugir? Isto até me parece um sonho!

Máximo – Norberto afiançou- me. O doutor Ayres sugestionou- a; ela não age por vontade própria, por enquanto; mas, depois de estar ao lado da mãe, na convivência do lar, longe das negaças do jesuitismo, em breve mandará ao diabo o convento e as freiras!...

D. Amélia – Deus o ouça!

Máximo – (*vendo entrar Celeste*) Ei- la conosco finalmente!

Irmã Celeste – (*vestida como leiga, corre para D. Amélia e a abraça*) Minha tia! Alguém procurou- me aqui?!

D. Amélia – Ninguém. Vamos, sobrinha, vamos depressa! Um carro e o doutor esperam- nos lá embaixo!

Irmã Celeste – Louvado seja Deus! Levem- me para junto de minha mãe! Fugamos, fugamos!

Norberto – (*aparecendo*) Depressa! Fugam! Que as corujas aí vêm, em companhia do *bacurão*! (*desaparece de novo*)

Máximo – (*vendo as freiras em companhia do pároco*) Saiam, depressa! (*Celeste e D. Amélia desaparecem*)

As irmãs – *(alvoroçadas)* Padre Guilherme! Levam- nos a irmã Celeste! Socorro, que a perdemos!

Pároco – *(correndo para a porta por onde D. Amélia e Valentina saíram, tenta segui- las)* Não me levam assim! A mim, irmãs!

Máximo – *(à porta de revólver em punho, impedi- lhe a passagem)* Para traz, reverendo! Por aqui ninguém passa! Sou velho, mas ainda tenho estes seis dentes que matam! *(o pároco e as irmãs recuam e param à distância)*

Rideau

Quarto Ato

Pequeno parque em casa de D. Maria, com bancos toscos de madeira, cadeiras de vime, apropriadas, de ambos os lados. Ao fundo, gradil de ferro com portão ao centro, deixando vê quem passa na rua. À esquerda, convenientemente dispostos. Valentina, D. Maria e Máximo; formam um grupo; à direita, D. Amélia e doutor Ayres. Tarde de verão.

Máximo – *(para o médico)* Que não irá pelo hospital, doutor! Há quatro dias que lá não ponho os pés e o Norberto sem nos aparecer!

Médico – Faço ideia! Eu mandei- lhe a minha demissão, porque me repugnava continuar ali, em convivência com aquela gente. Desde que para lá entraram as irmãs o que me retinha ali era D. Valentina...

Valentina – Muito obrigada, doutor...

Médico – Fazia- me pena e mal aos nervos vê os jesuítas, de coração endurecido, arrancarem uma filha a seus pais, fitando unicamente a sua fortuna e, talvez, a sua deslumbrante formosura...

Valentina – *(abraçando D. Maria)* Não fale assim dos padres, doutor... Devo a um deles a minha volta ao lar: o padre Guilherme é um santo homem.

D. Amélia – *(trocando um olhar com o doutor)* Não tanto quanto julgas. Olha eu não meto as minhas mãos no fogo pelas suas virtudes...

D. Maria – *(afagando a filha)* Dizem que com raras exceções, são todos intolerantes, rancorosos e maus!

Máximo – Muito bem minha senhora!

Valentina – Querem ouvir? Foi o padre Guilherme quem me aconselhou a voltar para a companhia dos meus, já vêm...

Médico – *(sorrindo)* Pois isso causa- me assombro! Os jesuítas são terríveis, confirmo. Aí, está a história: a matança dos albigenses e dos huguenotes, os queimadeiros da Inquisição, os suplícios de

Galileu e Giordano Bruno, as dragonadas e, mais recentes as torturas, de Dreyfus, em França são exemplos que atestam os horrores de sua crueldade! Possuem a ferocidade do tigre e a selvageria do chacal...

Máximo – Sim, mas o tigre é feroz porque precisa comer, enquanto que o jesuíta...

Médico – Os jesuítas também: precisam comer a fortuna das herdeiras ricas, das velhas tontas, das beatas idiotas. Comer, comer sempre!

Valentina – O doutor é implacável. Olhe que o frade de hoje não é o mesmo dos inquisitoriais: a civilização regenerou- os.

Médico – Mas, o celibato enfurece- os, e os seus votos de castidade ruem pela terra, tornando- os perjuros. O jesuíta seria menos mau se pudesse casar. Seria mais expansivo, seria mais humano e menos hipócrita, mostrando ser o que não é...

Máximo – São de carne e osso como nós!...

Médico – De certo. E seria sempre mais digno ter uma esposa, do que uma comadre. Orígenes e o próprio Santo Ambrósio não desdenhavam do casamento, tanto assim que acreditavam no casamento dos apóstolos... Porém, que fazer? O papa não quer que o padre se case.

Máximo – Isto faz- me lembrar os versos de Damasceno Vieira:

Ser padre, respeitando os sacros votos,
é ter vida que a tumba cedo atrai:
é fruir atenções dos bons devotos,
mas nunca ter a glória de ser pai!
É fugir da mulher como de um crime
quando ela foi ao homem destinada;
é não poder, num êxtase sublime
dizer: “Ó minha esposa idolatrada!”

Médico – Bravos! Ao poeta!

Máximo – Eu cá sou assim!

Valentina – Ora, mudemos de assunto. Sabem? Desejo hoje dar um passeio pela cidade. Levo a mamãezinha comigo, sim?

D. Maria – (*maliciosa*) Pois sim. E o doutor Ayres, não queres que vá também?

Valentina – (*sorrindo*) Se ele quiser...

Médico – Iremos todos. (*baixo para D. Amélia*) Reparou como ela ainda está fanatizada? Não devemos contraria- la em nada. Com a vida que levava e a doença que tem, antes de um ano, em seis meses, talvez, estaria morta!

D. Amélia – Assusta- me, doutor! E agora, há perigo eminente?

Médico – Não. Sua sobrinha pode ainda viver 20 a 30 anos, se houver o máximo cuidado em afastar dela todas as causas psíquicas e morais que a possam afetar.

D. Maria – *(para a filha)* Gostas então muito do doutor, minha filha?

Valentina – Muito, mamãe! Tratou-me com tanto carinho quando adoeci no hospital, que lhe devo muita gratidão! *(Máximo encaminha-se para o lado de D. Amélia)*

Médico – *(baixo, para os dois)* Que ela continue ainda na doce ilusão de que foi mesmo o padre Guilherme quem a aconselhou a sair da congregação. Sugestionada por um padre, deixou a família; sugestionada por mim, à família voltou! É supersticiosa, timorata, e se a puserem em contato com o padre Guilherme, é bem capaz de voltar à congregação, arrastada pelo fanatismo. Deixemo-la ficar na crença em que está, até que o tempo termine a nossa obra!

Máximo – É um segredo que deve ficar entre nós.

D. Amélia – Mas eu suspeito que não foi só o hipnotismo que operou o milagre... Valentina ama. As influências do coração desempenharam papel saliente...

Médico – Concorreram para isso, talvez...

D. Maria – Como estás mudada, minha filha! Em que estado me voltaste! Eras corada, e vens pálida, vendias saúde e dela precisas agora!

Valentina – Não se entristeça mamãe. Sou feliz agora e, em breves dias, voltarei ao que era, como os pássaros voltam na primavera!

Médico – O que é preciso é distraí-la. Um choque violento, uma impressão moral, um susto, no estado mórbido em que ainda está, seria perigosíssimo! Sua sobrinha é a rola mal ferida que fugiu das garras do gavião... Precisa de ar e de luz para viver!

D. Amélia – Descanse que seremos vigilantes!

Norberto – *(surgindo no portão)* Dão licença!

Máximo – O Norberto! Ora, seja muito bem vindo!

Norberto – *(entrando)* Boa tarde para todos. *(para Valentina)* Então, como vai, minha senhora, já se teria esquecido de mim?

Valentina – *(jovial)* Jamais senhor Norberto! Ainda há pouco falávamos de sua pessoa.

Norberto – Cortavam-me na pele, não? *(para o doutor)* Como vai, doutor? Parece-me que o vejo mais alegre, satisfeito. Isto por aqui já me cheira a noivado!...

Médico – Diga-nos alguma coisa, senhor Norberto! Sei que nos traz muito o que contar... Que se passou pelo hospital depois da saída de D. Valentina?

Norberto – Houve o diabo! Se vissem a careta das irmãs quando que se lhes escapava o melhor bocado! Ah! Ah! Bufaram! Parecia que haviam batido em um cortiço de abelhas, foi uma revolução!

Médico – Pudera! D. Valentina era o tesouro da congregação!

Norberto – *(para D. Maria)* E a senhora? Está agora nas suas sete quintas, ao lado da sua joia mais

querida, não é verdade?

D. Maria – Graças a Deus, senhor Norberto! Já tenho quem me ampare na velhice e feche os olhos na morte. (*contempla a filha*) Minha filha! Veja em que estado a puseram! (*beija-a*)

Norberto – O que lá vai, lá vai! A menina agora vai ficar rija e forte, verá.

D. Maria – Deus o ouça!

Valentina – Eu já nada sinto mamãe! Estou completamente boa!

D. Maria – E não me abandonarás mais?

Valentina – (*abraçando-a*) Nunca mais! Voltei para a não deixar mais!

Médico – (*para Valentina*) E se as freiras a buscarem? Se as irmãs da confraria a procurarem?

Valentina – Procurar-me-ão em vão! Não as receberei!

Máximo – Bravo, menina, muito bem!

Médico – E se o padre Guilherme se lembrar de fazer-lhe uma visita, aconselhando-a a voltar ao convento?

Valentina – Ele não fará tal coisa, tenho a certeza! Foi ele quem me abriu os olhos, inspirado por Deus! Hoje não é ontem: tenho razões que me chamam ao mundo e fazem-me afastar do convento!

Médico – Se assim é... Parabéns.

Norberto – Proceda com juízo! A velha lenda que rodeia as irmãs já não ilude mais! Eu não quero dizer que não haja nas casas pias, irmãs dedicadas e bondosas, mas nisso como em tudo mais, a exceção apenas serve para confirmar a regra geral!

Médico – Isso, isso! São egoístas, não tendo no serviço que prestam outro intuito que não seja salvar a alma do inferno, comprar a bem aventurança eterna e ir vivendo à custa dos outros.

Norberto – Raios as partam!

D. Maria – E é para isso que roubam as filhas às mães, como se fizeram com Valentina, deixando-a assim tão fraquinha!

Norberto – Não se desconsola que os tempos mudaram. D. Valentina com boa alimentação, muita alegria e felicidade tornará ao que era, antes de cair nas unhas aduncas dos jesuítas!

Médico – Exatamente. Eu indicar-lhe-ei um regime alimentar que lhe restaurará as forças perdidas.

Valentina – (*risonha*) Não em dias de jejum; às sextas, aos sábados ou pela quaresma, não farei uso de carne: manda a Igreja!

Médico – Quem trata os doentes são os médicos, não é a Igreja. Jejuns só os que a medicina ordenar. Para evitar escrúpulos basta... Comprar uma bula!...

Valentina – Vejam que farsista! Como se ele se importasse com as bulas! Lembra-se, senhor, Norberto, da sexta-feira santa, no hospital, o que ele fez à vista das irmãs espavoridas?

D. Maria – Que foi minha filha?

Valentina – (*admirada*) Ah! Mamãe! Mandou buscar o almoço ao hotel e pôs-se a comer bifés de vitela! Na sexta-feira da Paixão! Oh! Foi um horror!

Médico – Então, que querem? Eu precisava almoçar e como a carne é mais substancial... Preferi a carne!

Norberto – Foi uma escacha! Gostei de vê a cara das religiosas naquele dia! Raios as partam!

Valentina – Mas, não é um pecado mortal comer carne na quaresma!?

Médico – Não, senhora. Então cuida que Deus é um juiz impiedoso que não saiba perdoar um bifinho às sextas-feiras? Não será, isso, acredite, que me porá fora da sua divina graça!

(*um criado entra portando uma bandeja com xícaras de café, que serve a todos, menos a Valentina, que não aceita*)

D. Maria – (*séria para o médico*) O doutor é ateu?

Valentina – (*respondendo*) Não é, mamãe. Ele crê em Deus, conhece o Evangelho, mas não pode ver padres, nem religiosas confessas.

D. Maria – Mas, então, que religião é essa sem padres?

Norberto – Olhe minha senhora, eu lhe digo: o doutor é como eu; crê em Deus, revelado por Jesus, mas, não quer nada com Santo Inácio de Loyola, revelado pelos jesuítas, ora aí tem! (*sorve o resto do café da sua chávena*)

D. Amélia – (*apoiando*) Penso também assim! Jesus e jesuítas são entidades muito diferentes!

Médico – Continuem fazendo a minha defesa, meus amigos; agradeço-lhes! E, como já se vai fazendo tarde, peço licença para me retirar.

D. Maria – Ainda é cedo, doutor, fique mais um bocadinho...

Valentina – E o nosso passeio pela cidade, já se esqueceu?

Médico – Vamos adia-lo para amanhã. Hoje já é um pouco tarde e eu ainda tenho doentes a visitar. Todavia, se faz muito empenho, ficarei...

Valentina – Não, senhor. Lembra-me ainda de suas palavras no hospital, para a Superiora!

Médico – (*sorrindo*) Que foi que eu disse?

Valentina – (*sentenciosa e com a voz grave*) Primeiro está a obrigação... Depois a devoção! (*ri-se*)

Norberto – (*rindo-se*) Ah! Ah! Ah! Como ela não se esqueceu da sarabanda aplicada pelo doutor às corujas!

Médico – *(para D. Amélia, baixinho)* Não a deixem sair, nem ficar só. *(Valentina aproxima-se)*

Valentina – *(para os dois)* Conspiram?

Médico – Não. Antes de retirar- me quero que me faça uma promessa.

Valentina – Que promessa?

Médico – A promessa de que não falará, nem receberá qualquer frade ou religiosa que a procure na minha ausência. Tenho muito medo de sua fraqueza...

Valentina – Fica prometido!

Médico – *(estendendo- lhe a mão)* Está bem. Assim, parto tranquilo. Até amanhã!

D. Amélia – Duas palavras ainda. Graças ao doutor, vai por esta casa tanta alegria, que seria injustiça não lhe concedermos uma parte dela. Aqui a minha sobrinha, confessou- me o que eu já adivinhara. Ainda não falei com minha cunhada, mas, afianço- lhe que nenhum obstáculo haverá para a união dos dois. Vá, portanto, tranquilo que amanhã, quando voltar encontrará tudo resolvido: o pedido feito e a mão dela concedida. *(Valentina, doida de alegria, salta ao pescoço da tia, beijando- a)*.

Médico – *(beijando as mãos de D. Amélia)* Beijo- lhe as mãos agradecido, minha senhora. Vai fazer a felicidade de toda a minha vida, e creia que procurarei tornar- me digno de Valentina e da honra que me concede. *(durante este tempo Norberto, Máximo e D. Maria conversam por gestos)*

Máximo – *(vendo um carteiro que aparece ao portão)* Há gente no portão!

Valentina – *(corre para o carteiro)* É o carteiro!

Carteiro – Um cartão postal para o doutor Ayres de Mendonça! Como disseram- me que estava aqui poupa- me o trabalho de ir mais longe!

Valentina – Demi- o! *(recebe o cartão, examina- o, e, com passos miudinhos, vai a entrega- lo ao doutor)*

D. Maria – Que é isso Valentina!? Lês a correspondência do doutor Ayres?

Valentina – É que pode ser alguma carta de namoro!... *(Valentina, a meio caminho, para. Empalidece e leva à mão a frente. O doutor corre para ela)*.

Médico – Que tem Valentina?! *(ampara- a)*

Valentina – *(leva as mãos à garganta, depois ao seio e tomba nos braços do doutor)* Ah!... *(todos correm para ela. O médico coloca- a numa cadeira, toma- lhe o pulso, apalpa- lhe a testa e o coração)*.

Médico – É um desmaio apenas! Mas o que diz esse cartão infernal! Tragam saís! *(fricciona- a com ardor)*

D. Maria – *(desvairada, junto a filha, a Máximo, que juntou o postal)* Leia! Leia!

Máximo – *(lendo)* “Ex.º Senhor. Custa- me bastante o que vou dizer- lhe, mas pesa- me a ignorância

em que está sobre o passado de sua futura esposa. Fique sabendo que ela não é digna de si. Na congregação fez tais vergonhas que, por causa disso, a mandaram servir num hospital... Foi amante de dois personagens, um morto há pouco e outro ausente desta cidade. É, enfim, tão boa como a tia. Se tem vergonha e brios arrede- se dessa mulher que o desonra.” Miseráveis!

D. Amélia – Infames!

D. Maria – Miseráveis! Roubaram- me primeiro e querem matar- ma agora!

Médico – Silêncio! Ela volta a si...

Valentina – (*recuperando os sentidos*) Que calúnia, que vergonha, que horror, minha mãe!

D. Maria – Sossega filha, aqui ninguém acredita no que diz esse infame cartão!

Valentina – (*aflita, encarando o médico*) Nem o doutor Ayres?

Médico – Eu muito menos! Conheço de sobra os nossos inimigos jesuítas, caluniadores e infames e a pureza de sua nobre alma, Valentina!

D. Amélia – Tanto assim é que aproveito a ocasião para pedir à minha cunhada a tua mão de esposa para ele.

D. Maria – (*jubilosa*) Concedida, meus filhos, e sejam felizes!

Médico – (*enlaçando docemente a noiva*) Obrigado: era esta a minha ventura almejada!

Norberto – Finalmente! Foram vencidos os corvos negros, raios os partam!

Cai o pano

Fim